Ano VII — Lisboa, 23 de Junho de 1932 — N.º 335

Pim Pam Pum!

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO
DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

PRETINHO Serapião viera da Guiné, a bordo do «Mouzinho», paquete de passageiros, como criadinho do importante roceiro Comendador Zacarias, em companhia dêste, de sua mulher D. Euzébia e duma filha Naná, da mesma idade que êle.

Tinha dez anos só, cabelo encarapinhado, um brilho na pele de bronze, um grande pasmo no olhar e um *ah* de espanto, a toda a hora, na bôca, em face de quanto via.

Era a primeira vez que olhava terra europeia. Na roça em que sempre vivera, só havia, de brancos, «sió Comendadô», «Sinhá» e «Minininha», como tratava os patrões. Por isso, logo ao desembarcar, um grande *ah* de admiração por tudo se lhe escapou dos beicinhos grossos e vermelhos como pôlpa de abrunho.

* * *

Decorridos uns dias de convivência exclusiva com gente branca, começou a invadí-lo um forte desejo, uma ânsia, sem fim, de se tornar branco também.

Ao ver o seu «Sió», certa manhã, ensaboando o rosto para fazer a barba, pensou logo imitá-lo e, mal o viu sair, pôs-se a encher a cara de espuma, dizendo com os seus botões:

—«Talvez, estregando muito, a côr negra saia e me torne branquinho!» Mas qual! Não era por es-

(Continúa na 8.ª pág.)

BANHOS DO MAR

POR AUGUSTO DE SANTA RITA

O Mané, Mica, a Cuca
Lena, Tina, Fina e Juca,
à vista do seu banheiro
que os vigia,
tomam já banhos do mar.
E oh! que infinita alegria,
que berreiro, que berreiro
sem cessar!

O Mané, num cavalinho
de borracha, cheio de ar,
faz tamanho borborinho
que assusta o próprio banheiro;
Miquinhas com sua péla,
quási do tamanho dela,
joga à bola com a Cuca
que, ao ampará-la, no ar,

a obriga a dar um mergulho;
com seu grande sapo, o Juca
torna maior o berreiro
a que se junta o marulho
das grandes ondas do mar!

Que barulho, que barulho!...

UMA ANEDOTA VERDADEIRA

Por ACILEGRA

Numa escola da província, a professora, chamou um aluno à gramática.

Dize-me, João: — (preguntava ela) — qual é o plural de grão?

O plural de grão, — (respondeu o aluno) — o plural de grão é... é grãos!

Muito bem; — (prosseguiu a professora). — Agora responde-me ao que te vou preguntar. Pão, também termina como grão, não é assim?

E', sim, senhora professora, — (respondeu o garoto).

Pois bem; — (continuou a mestra) — então escuta:

Se tu tivesses mais do que um pão em casa, como dirias?

Ora... senhora professora, — (disse o aluno consternado) — Se eu tivesse mais do que um pão em minha casa, eu... tinha pão duro!...

"PIM PAM PUM"

Cumprindo a promessa que fizemos, o «Pim-Pam-Pum» inicia, hoje, a sua série de melhoramentos, inserindo a nova *Secção de Tio-Tónito*, nosso antigo colaborador, que tão entusiástico acolhimento obteve por parte dos nossos queridos e pequeninos leitores, ao iniciarmos a nossa publicação.

E' caso para os felicitarmos, felicitando-nos, ao mesmo tempo, pela aquiescência ao nosso convite de tão valioso elemento que circunstâncias imperiosas haviam afastado do nosso grato convívio.

António Cardoso Lopes, o seu verdadeiro nome, há muito que marcou o seu lugar como desenhador e intérprete eleito das preferências que caracterizam o espírito infantil dos nossos amiguinhos.

A par desta nova secção, o «Pim-Pam-Pum», que há já sete anos marca o seu lugar, também, entre as melhores publicações no género, introduzirá novas modalidades em sua contextura literária e artística, que ainda mais o recomendarão à missão cultural que, principalmente, visa.

O dezoito

Por JOSE AUGUSTO DO VALE

NOS países em que o sapo se vende, como animal muito útil, isto é, em que tem as honras que lhe competem pelo grande benefício que dispensa à agricultura, havia um ricaço que comprou uma colecção de sapos, desde o mais pequeno ao maior até perfazer o número *dezoito*. Estes sapos eram destinados a vigiarem-lhe as lindas plantas que êle possuia no seu jardim. Resolvera-se a fazer isto, porque não havia outro meio de acabar com a *praga* das lagartas, bichos de conta, besouros, lesmas, caracóis, etc., que infestavam o terreno e danificavam as plantações.

Entre o conjunto dos sapos que tinha comprado, havia um que era o *mais esperto*. Este era o *n.º 18*. Quando se deparava o plano de ataque violento á *bicharada*, era o *18* consultado sôbre o melhor caminho a seguir, como se êle fôra um marechal no alto comando militar.

* * *

Um dia, ao lusco-fusco, saíu o *18* mais cêdo do que era costume, para caçar uma lagarta, muito gorda, que andava a acabar de roer as folhas duma roseira.

Como êle a sentisse numa folha que estava bastante inclinada sôbre uma poça que dava para um comprido esgôto, aconteceu colocar-se o *barrigudo «18»* em cima duma pedrinha, para dar a devida *recompensa* à lagarta. Mas o que é certo é que, desequilibrando-se, teve a infelicidade de caír na poça, vendo-se obrigado a saír pelo comprído esgôto, que dava para muito longe dos muros do jardim. Apenas apareceu á vista, foi logo apanhado e vendido, nòvamente, para um outro jardim.

Então, os seus velhos companheiros não tornaram a saber noticias do *18!*

Ora, como êle lhes fazia muita falta, pela companhia e pelos conselhos sensatos que lhes dava, resolveram procurá-lo em todos os recantos do jardim, chamando sempre, com voz muito terna, pelo número por que êle era conhecido:

Dez-oi-to..., dez-oi-to..., dez-oi-to...

E como, até esta data, não foi encontrado o *18*, é por isso que, ainda hoje, todos os sapos continuam a procurá-lo, em toda a parte, dizendo suávemente:

—Dez-oi-to..., dez-oi-to..., dez-oi-to...

* * *

Um bom companheiro vale mais que o dinheiro.

FIM

CORRESPONDENCIA

Antonio Tavares Pinto. — Recebemos as tuas histórias e o retratinho. Serão publicados a seu tempo.

Francisco dos Santos Farrusco Junior. — Gostámos muito do teu desenho mas, assim, a côres, não pode ser reproduzido. Manda outro, só contornado a tinta da China. Obrigado pelos elogios.

Uma Duriense. — O teu conto, a par de algumas qualidades, tem deficiências que impedem a sua publicação. Manda outro que tal vez possa ser publicado.

Tio Paulo.

DECORAÇÃO

I — O rei dos animais, um certo dia,
diz para um chimpanzé: — «Amigo Horácio,
reúne o meu povo e a todos anuncia
que preciso um pintor de alta méstria,
para decoração do meu palácio.

II — Acto continuo o régio secretário,
numa pedra polida, vai gravando,
com as letras do seu abecedário,
o anuncio que, por algo est'ordinário,
vai a côrte deveras intrigando.

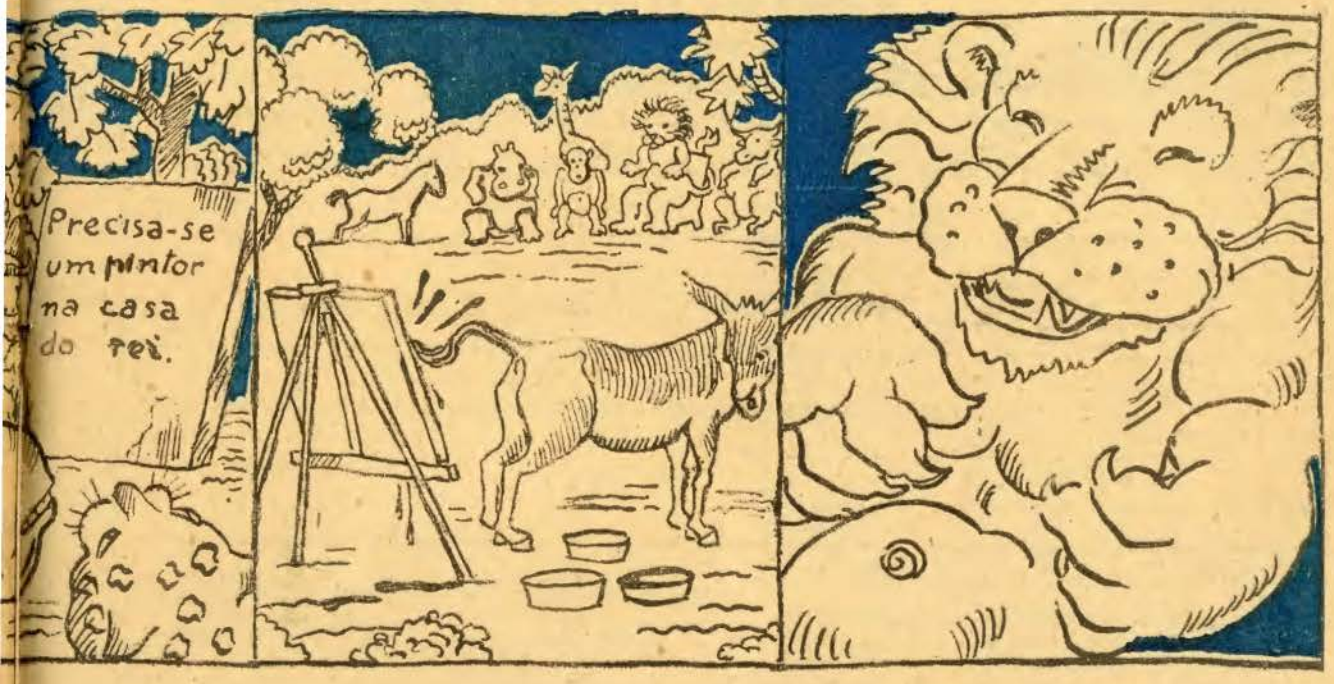
III — Já na floresta exposto
tomam os animais co
do que o rei desejav
E cada qual, com se
dizia: — «*eu sirvo*;

VI — Contudo, el-rei inda bem mais se ria,
ao notar que o Dom Bode se servia
das suas próprias barbas por pincel.

VII — A Dom Macaco a vez, por fim, chegou.
Como era quadrumano, aproveitou
quatro pinceis, a um tempo, no painel.

VIII — Mas quando, entre
muito ufano e su
o original concur

A CONCURSO



...rande aviso,
...ecimento
...e era preciso,
...elhor sorriso,
...nho arte e talento!

IV — Mas como os pretendentes eram tantos:
um burro, um bode, um elefante, um urso,
um macaco, uma rã... etcétera; quantos
no bosque havia, o bosque dos encantos,
logo o rei resolveu abrir concurso.

V — Então, para mostrar sua aptidão,
molhando a cauda em tinta, qual pincel,
principia a real decoração
o Dom Jumento, ao pé de el-rei Leão
que se ria a bom rir ante o painel...

...s aplausos, retirava,
...que ganhava
...ge, entanto,

IX — Dom Chôco-pôlvo que, com seus tentáculos,
vence, ràpidamente, os mil obstáculos
da grande prova, entre o geral espanto.

Y — Moralidade desta história?... O autor
encerra-a nesta frase e a êste canto:
— «*Ninguém se julgue aos outros superior!*»

◆ENGENHOCAS◆PASSATEMPOS◆ADIVINHAS◆JOGOS◆

MEUS CAROS «SOBRINHOS» ANTIGOS E MODERNOS

Ao ser amavelmente convidado pelo Ex.mo Sr. Augusto de Santa-Rita, director dêste suplemento, para nele fazer a secção que hoje se inicia, fiz a mim próprio duas preguntas:

— Serei ainda lido pelos meus antigos e dedicados «sobrinhos»?

— Os novos «sobrinhos», que me desconhecem, gostarão das coisas que publico?

E, como não podia deixar de ser, lancei-me à aventura... Espero, portanto, que se manifestem, os antigos e os modernos, para que eu saiba o que querem, se lhes agradam as coisas que apresento nesta secção, etc., etc.

A vossa correspondência, apenas sôbre assuntos que digam respeito a esta secção, *pode ser dirigida ao*

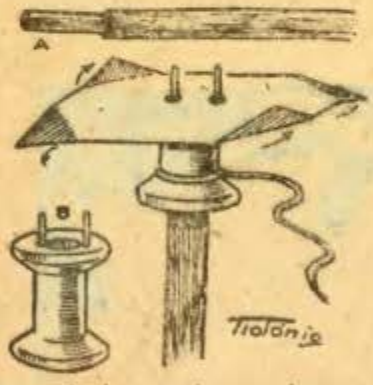
BREVEMENTE
Interessantes concursos de adivinhas com prémios.

Vosso amigo
TIO-TÓNIO.

UM AUTO-GIRO DE UMA CARTA DE JOGAR

Com uma carta de jogar ou simplesmente um pedaço de cartolina, um carrinho de linhas, dois alfinetes sem cabeça (B) e um pauzito da grossura de um lápis, no qual o carrinho deve girar livremente (A) e um cordel, vamos construir um auto-giro.

A cabeça dos alfinetes é cortada depois dêstes serem enterrados.



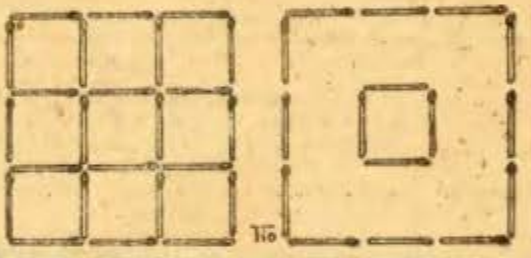
Os cantos da carta de jogar, são dobrados para baixo e para cima, como indiça a gravura, e, bem ao centro, são feitos os buracos por onde entram os alfinetes sem cabeça.

Afasta-se a ponta do cordel ao carrinho de linhas, apertando bem. Depois enrola-se a ponta restante.

Segura-se no pau, pela parte de baixo, com a mão esquerda, levantando-se ao alto, e, com a outra, dá-se um estirão ao cordel que, desenrolando-se, obriga o carrinho a girar velozmente.

A carta de jogar é, então, impelida pelo seu movimento de rotação a grande altura, girando sôbre si mesma.

UM PROBLEMA COM FÓSFOROS



Colocam-se 16 fósforos como a primeira gravura indica.

Propõe-se o seguinte:

— Estão aqui 9 quadrados constituidos por 16 fósforos. Tirar dêsses, oito fósforos de fórma que fiquem dois quadros apenas.

Para quem lê estas linhas e está vendo o boneco da solução, não é difícil mas, para quem não a conhece ainda, é preciso matutar um bocado.

ONDE ESTÃO OS BICHANOS DA D. GATA?

D. Gata foi às compras à cidade, tendo recomendado, à saída, aos seus bichanos, que não se afastassem muito de casa.

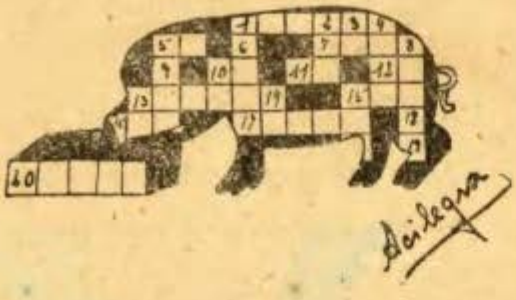
Quando voltou ficou surpreendida de não os encontrar.

Os bichanos,, por partida, tinham-se escondido...

Podem os leitores do «Pim-Pam-Pum» encontrar os *cinco* filhos da Dona Gata.

HORA DE RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

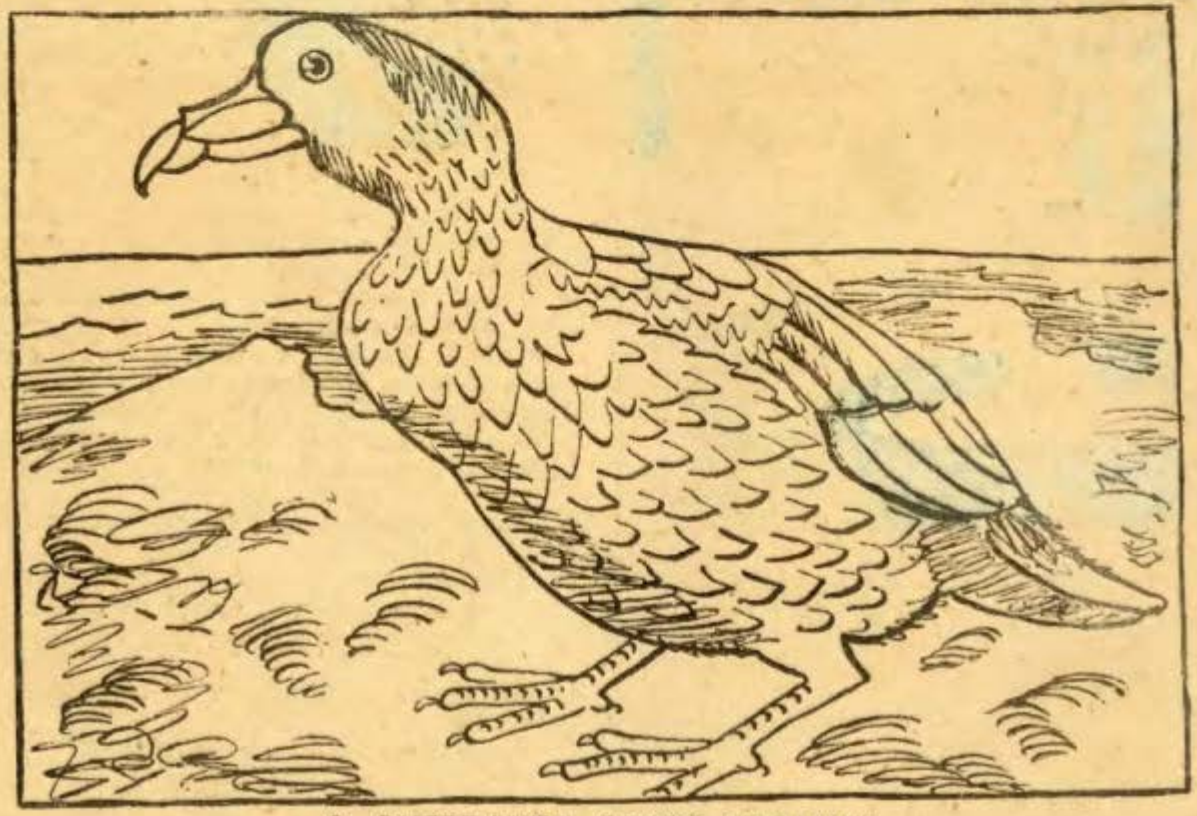


HORISONTAIS:—1, dançar; 5, parte detrás de um barco; 6, primeira vogal; 7, criadas graves de damas de tratamento; 9, quinta vogal; 10, pronome de pessoa francês; 11, atmosfera; 12, pronome pessoal; 13, tirar uma opressão; 15, mágoa; 16, viscera humana; 17, tempo do verbo ser; 18, vogal; 19, consoante; 20, porco.

VERTICAIS:—1, projecteis de armas de fogo; 2, casa; 3, suspiro; 4, quadrúpede roedor; 5, Mau; 8, nome que davam aos antigos reis de França; 10, passar de um logar para o outro; 13, tempo do verbo ler; 14, segunda nota musical; 15, tempo do verbo dar.

Esta é a boneca que a tia Carmo vai dar à sua sobrinha. Vejam se descobrem onde estão a sobrinha e a tia

PARA OS MENINOS COLORIREM



O QUEBRANTA OSSOS GIGANTE

PRETINHO SERAPIÃO

(Continuação da 1.ª pág.)

tar suja. Fôra sempre pretinho! Aquilo só raspando!... E mudou de processo:—Pôs-se a dar com a «gilette» para baixo e para cima. Nem mesmo assim!...Via-se, agora, vermelho; todo em sangue a escorrer e, por baixo, após enxugada a cara, a côr negrinha lá estava, sempre na mesma; apre!...

De outra vez, vendo a criada dos quartos, tornar branco de neve um avental que era escuro, passando-o por cloreto, deitou uma porção dêle num grande alguidar com água e banhou-se durante três quartos de hora. Mas não deu, também, resultado. Irra, que sina a sua!...

Nunca mais poderia brincar às escondidas! E era o que mais lhe custava! Mininina Naná e os seus amiguinhos ficavam sempre no «coito». Nunca lhe cabia a sorte de ser apanhado, pois era raro brincarem de dia, que eram horas de estudo. Só após o jantar, no jardim e no escuro da noite... Era sabido; assim, nunca davam com êle. A's vezes, ali tão

perto, mesmo à mão... Que raiva! Pretinho como era, na escuridão da noite, confundia-se sempre com o negrume do fundo, onde apenas brilhavam os seus olhitos mas que êles, os «Minininhos», tomavam por pirilampos.

Ao deitar-se, depois da brincadeira, adormecia e sonhava que era branco. Que bom! Já se não riam dêle e já era apanhado, já ia apanhar os outros!

* * *

Um dia chegou, porém, em que deu graças a Deus por ser pretinho.

Ficara sòzinho em casa. «Siô Comendádô»,

Sinhá», «Minininha» e criadas haviam partido para a casa de campo, para onde Serapião iria, também, mas só no dia seguinte.

Ficara a guardar a casa, até que os móveis saíssem todos, no dia imediato.

Pretinho Serapião, aborrecido, deitou-se mais cedo nêsse dia. Dormia num quartinho pequeno, ao fundo do corredor, no rés-do-chão da casa, em frente do toucador da «Sinhá», em cuja janela estivera momentos antes, tomando fresco, e que, por esquecimento, deixára entreaberta.

A um ruído brusco, alta noite, sobressaltado, acordou. Estavam ladrões em casa!

Embrulhou-se num chale preto da «Sinhá», pôs-se a um canto, a tremer, fechou os olhitos para não brilharem, e os gatunos, assim, nem sequer deram por êle.

Ah, que se o houvessem visto, tê-lo-iam morto, por certo!

E deu graças a Deus por ser pretinho!

FIM